

MÉDICOS

Greve deixa sete mil sem atendimento

Carlos Moura



Segundo o sindicato dos médicos, a greve atingiu 90% da categoria e o atendimento nos hospitais foi precário nas cidades e no Plano Piloto

A greve dos médicos deixou ontem cerca de sete mil pessoas sem atendimento em toda a rede pública do Distrito Federal, segundo o GDF.

O governador Cristovam Buarque, entretanto, não pretende demitir quem deixar de trabalhar. “Ele vai agir dentro da lei: cortar o ponto dos grevistas”, informou o secretário de Comunicação, Luiz Gonzaga Motta.

Os médicos paralisaram a maioria dos centros de saúde e ambulatórios dos hospitais públicos, mantendo em funcionamento apenas os serviços de emergência. Nenhum incidente, porém, foi registrado.

Os grevistas reivindicam aumento do piso salarial de R\$ 947 para R\$ 1.337, além de o pagamento das horas-extras excedentes de agosto do ano passado.

As negociações ontem entre médicos e governo não avançaram. Novas reuniões estão marcadas para hoje, mas, segundo Luiz Gonzaga, o governo não tem condições de atender às reivindicações.

Números — Segundo o Sindicato dos Médicos, a greve atingiu 90% da categoria — cerca de 2.500 dos 2.800 médicos da Fundação Hospitalar do DF.

Nos hospitais regionais da Asa Norte, Sobradinho, Gama e Taguatinga, a paralisação no atendimento ambulatorial foi total, com excessão dos serviços de emergência.

No Hospital de Base, a paralisação foi menos intensa, atingindo entre 50% e 70% dos médicos.

No Hospital Regional da Asa Sul a greve também foi parcial. “A maioria dos médicos trabalhou”, disse a diretora do sindicato, Glayne de Souza.

Poucas faixas e cartazes anunciavam a greve e nenhum esquema de esclarecimento para os pacientes foi montado.

A deputada distrital e ex-presidente do Sindicato dos Médicos, Maria José Maninha (PT), declarou apoio à greve dos médicos.

Na sua avaliação, os profissionais não queriam parar, mas não tiveram outra alternativa para pressionar o GDF.